

O MERCADO DE NOTÍCIAS  
Pré-roteiro de Jorge Furtado  
09/08/2012

\*\*\*\*\*

Sobre um fundo preto, cartões dos patrocinadores, produtores, etc.

Sons de um teatro antes da função: ruídos dos músicos com seus instrumentos, cadeiras, alguma conversa do público, risadas, tosse, afinação de instrumentos.

Três batidas fortes na madeira. O ruído diminui.

Cartão:

O poema ensina ou delícia  
ou ambos, e este é o que vicia.

A Arte da Poesia, Horácio

CENA - PALCO

Uma cortina fechada.

Surge o Prólogo, com o figurino completo da peça, fala diretamente para a câmera.

PRÓLOGO

Hoje não arde o óleo das lanternas.  
Aqui, o frescor da Majestade exala doces aromas,  
e o sol na sala [protege os olhos da luz do  
refletor]  
imita o brilho de quem bem governa.

Rito encenado para o ouvinte atento  
ao sentido que a palavra evoca,  
bem mais que as comedores de pipoca  
que infestam as plateias destes tempos.

Que notícias apareçam já no título  
Ao senhores, nenhuma novidade.  
Parecendo real, nada é verdade.  
Musa igual, do real e do ridículo.

Quanto puder, sem nos causar problemas,  
que a cena espelhe a vida e a vida a cena.

Fade-out.

Trilha referência para os créditos:

alguns momentos da Quinta Sinfonia de Tchaikovsky.  
<http://youtu.be/FQzc9c4LOHM>

#### CENA - COLAGEM

Trilha e créditos de abertura do filme. Sobre colagens de cenas do filme, incluindo o grupo de teatro se reunindo para o primeiro encontro, testes, preparação das entrevistas, preparação da peça, redações de jornal, intercaladas com imagens de arquivo, impressão de jornais, sites de notícias, telejornais, capas de revista, estúdios de rádio, etc.

O Mercado das Notícias

Uma comédia

Encenada no ano de 1625, pelos Servos de Sua Majestade.

O autor: Ben Jonson.

#### CENA - TEATRO

Entra o PRÓLOGO

PRÓLOGO

(declamando) Para o seu próprio bem, e não o inverso, o autor me pede que...

Entram a COMADRE PRAZERES, a COMADRE TAGARELA, a COMADRE EXPECTATIVA e a COMADRE CENSURA, quatro Damas, elegantemente vestidas.

PRAZERES

Venha, Comadre Tagarela, não se acanhe. A peça se chama "O Mercado das Notícias", queremos a opinião de uma lady como a senhora. (ao Prólogo) O senhor me ouviu? O que o senhor faz? É o porteiro do teatro?

PRÓLOGO

Eu faço o Prólogo...

PRAZERES

Providencie algumas cadeiras para nós.

PRÓLOGO

Aqui? No palco? Senhoras...

PRAZERES

Sim, é claro, no palco. Nós somos pessoas de qualidade, eu lhe asseguro, mulheres finas. Viemos aqui para ver e ser vistas. Minha Comadre Tagarela, Comadre Expectativa e Comadre Censura. E eu, Prazeres, filha do Natal e espírito do carnaval.

Dizem que o encontro de comadres é sempre alegre.  
Espero que sua peça seja uma alegria.

PRÓLOGO

As senhoras farão que seja. (à coxia) Tragam um banco aqui! (a elas) Mas o que pensarão os nobres, os intelectuais, ao vê-las sentadas num banco qualquer?

PRAZERES

Ora, o que haveriam de pensar, a não ser que também tiveram mãe, como nós, e suas mães tiveram comadres, se eles foram batizados, como nós, e assim como nós desejaram ir ao teatro e ver tudo de perto, como nós... para falar mal das peças e dos seus autores.

TAGARELA

Como nós!

PRÓLOGO

Oh, é este o seu objetivo? Bem, madame Prazeres e senhora Tagarela, desfrutem livremente seus desejos.

TAGARELA

Cuide que suas notícias sejam boas novas, novas e frescas, senhor Prólogo. Se forem velhas ou bichadas, vou descobrir e contar a todos, rapidinho.

PRÓLOGO

Às senhoras, eu não peço favores. Peço apenas que a expectativa...

EXPECTATIVA

Pois não, senhor Prólogo?

PRÓLOGO

Peço que a madame não espere mais do que verá.

EXPECTATIVA

Senhor, eu espero o quanto eu quiser!

PRÓLOGO

É o que eu temo, senhora, que espere demais e ensine as outras a fazer o mesmo.

EXPECTATIVA

Eu posso fazer isso também, por uma causa justa.

PRÓLOGO

Queira me perdoar, a senhora nunca se engana, a não ser por justa causa.

Madame Censura ergue a capa do Prólogo.

PRÓLOGO

O que é isso, senhora?

PRAZERES

É a Curiosidade. (apresenta) Madame Censura.

PRÓLOGO

Ah, sim, a Curiosidade. Vocês estão aqui para ver quem veste o melhor traje, quem está mais enfeitado - não importa o papel - qual ator tem as melhores pernas, que Rei tem as mangas puídas, que Rainha está sem luvas, quem calça botas e quem bota calças.

CENSURA

Sim, e também que Príncipe apaixonado está bêbado e não passa de um canastrão vestido em sedas, que apesar de todos os avisos, segue sendo um horror!

Os contra-regras entram carregando tochas.

PONTO

Arrumem estas luzes, senhores. (ao Prólogo) Mestre Prólogo, comece.

TAGARELA

Ai de mim!

EXPECTATIVA

Quem são estes?

PRÓLOGO

Não temam, senhoras, eles não trazem fogos que possam assustá-las, apenas tochas para iluminar a função. O certo é que temos aqui um grupo de saltimbancos, tentando dar à luz esta coisa que chamam de teatro, e me pedem que seja o seu parteiro. Pelo jeito, vai ser um parto difícil.

TAGARELA

Pois o culpado é o autor que, apesar de ser um asno, é muito abusado!

PRAZERES

Não! A não ser que eu muito me engane, seus atores também abusarão dele. Eu estive no camarim, para ver os atores se vestindo. O autor está ali dentro, no meio deles, rolando e espumando como um barril de chopp. Ele sua tanto que me deu vontade de comer um bom leitão, e seria um grande banquete, um autor assado! Vez por outra ele senta, e aí parece um tambor, um surdo sem alça, com o couro rasgado de tanto apanhar e uma de suas cabeças em frangalhos. É

bom lembrar que, assim como um surdo tem dois  
couros, o autor tem duas cabeças, uma para criar e  
outra para repetir. Sua cabeça de repetir está em  
pedaços. Talvez consigam juntá-los no camarim. Ele  
rasgou o seu texto num ataque de Fúria Poética e aí  
mergulhou no silêncio da cachaça. Se não fossem  
todos os vexames, pareceria agora o mais miserável  
exemplo de paciência.

CENSURA

Calma! O Prólogo...

O PRÓLOGO, versão para o PALCO.

PRÓLOGO

Para o seu próprio bem, e não o inverso,  
o autor me pede que lhes peça,  
mais atenção à fluidez do verso  
menos à ação, ao ir e vir da peça.

Desta, cuidam os atores, e seus gestos,  
Que darão às palavras mil sentidos.  
A vocês chegarão os mais honestos,  
Menos pelos olhos, mais pelos ouvidos.

Desde já, que perdoem nossas faltas  
A produção é singela, não reparem  
A peça que se escuta é a nossa pauta  
Que dela falem mal, mas que dela falem.

Comentem nossas gafes e percalços  
Em casa, no escritório, ao tintureiro.  
Se, em cena, há desejos verdadeiros,  
Que importa que os cavalos sejam falsos?

Que nuvens sejam tinta, montanhas, papelão,  
Que a madeira forje o aço dos punhais?  
As coisas, sobre o palco, são reais  
Se a palavra assevera que elas são.

Os críticos que queiram ir pro céu  
Distingam o poeta verdadeiro  
Daquele que só usa seu tinteiro  
Para estragar a brancura do papel

O poeta faz de leme a sua pena  
Ao tecer, traçar, tocar as almas  
Aos jovens, com vigor, ensina calma  
Aos sábios, diz que a vida vale a pena

Das dívidas, vivendo sob o açoite  
Ao poeta cabe aqui mostrar serviço

Julguem se envelheceu, se ainda tem viço  
A nós, resta só dizer, boa noite.

\*\*\*

Documentário: no final do prólogo, começa o documentário, com o registro factual do primeiro encontro da equipe do filme com os atores.

A partir do texto da peça, o trabalho de pesquisa do grupo de atores, desde os primeiros encontros para a leitura até a encenação de trechos da peça, será documentado. Descrição dos personagens e da situação histórica da peça.

No filme, as reportagens sobre a história da mídia e do jornalismo serão intercaladas com as cenas da peça, em diferentes graus de finalização.

Animações, textos, ilustrações, cenas de arquivo e entrevistas com jornalistas, sobre jornalismo, a história da mídia e sua relação com a política.

O primeiro tema do documentário é a credibilidade do próprio documentário, e é dramatizado a partir de conversa com o grupo de atores: como podemos provar ao espectador do filme, sem deixar qualquer margem à dúvida, de que aquele é realmente o primeiro encontro da equipe do filme com os atores? Depois de algumas tentativas, chega-se a inevitável resposta: não podemos.

O documentário - ao contrário da ficção - não se denuncia. Para que o público confie na veracidade da narrativa é condição fundamental que ele acredite no enunciado do filme: trata-se de um documentário.

Chega-se assim a um dos temas da peça de Ben Jonson: a credibilidade da informação e o mercado de notícias.

Breve documentário sobre o período histórico em que Jonson viveu e apresentação do personagem Pila Júnior. A ação da peça transcorre num único dia, quando Pila Júnior, herdeiro de uma fortuna de 60 milhões, atinge a maioridade e começa a gastar seu dinheiro.

Apenas os trechos mais significativos da peça, mais úteis para o debate sobre jornalismo, tema do documentário, estará no filme, mas a leitura integral da peça, assim como versões ampliadas das entrevistas, podem ser publicadas no site do filme e como extras do dvd.

\*\*\*

Sinopse da peça "O Mercado de Notícias".  
(The staple of news, Ben Jonson)

A peça se passa em um dia, em Londres, em 1625.

Homem simula a própria morte e volta, disfarçado de mendigo, para vigiar os passos do filho. Jovem herdeiro e ambicioso jornalista disputam a mão de uma riquíssima donzela.

No exato dia em que chega a sua maioridade, Pila Júnior começa a torrar sua fortuna, com roupas de luxo, jantares e festas. Faz uma semana que ele recebeu, através de um mendigo, a notícia de que seu pai, Pila Sênior, havia morrido em terras distantes.

Tio Pila, usurário, vive às custas de Pecúnia, riquíssima herdeira. Ele vende os suprimentos de sua cozinha e empresta dinheiro a juros. Tio Pila mantém Pecúnia e suas amas - Hipoteca, Norma, Promissória e Taxa - em cativeiro, vivendo em condições precárias. Ele administra a casa com mão de ferro e a ajuda de Notário.

A novidade em Londres é um Mercado de Notícias, comandado pelo senhor Trombone, seu sócio Patranha e seus repórteres. A agência cria um intenso comércio de notícias e, para que mais prospere, o senhor Trombone pretende em casamento a senhorita Pecúnia, também é cortejada por Pila Junior. Pila Sênior, antes de partir em sua última viagem, deixou documento firmado e entregue ao advogado Gazua, condicionando a posse de sua herança ao casamento com Pecúnia.

As núpcias de Pila Júnior e Pecúnia foram determinadas por desejo expresso por seu Pai, em documento Enfim, todos querem Pecúnia.

Pila Júnior descobre como funciona e para que serve uma agência de notícias e nela emprega seu amigo, Tom, um barbeiro.

Em torno da família Pila circulam ainda um grupo de comerciantes, cozinheiros, alfaiates, sapateiros, ferreiros.

O Pai desaprova o comportamento do filho perdulário, sua vida de dissipação e luxo com seus amigos boêmios, um grupo de desafortados que vive nas abas da nobreza e da nova burguesia: Almanaque (o médico), Timorato (o militar), Madrigal (o poeta) e Heraldo (o homem de sociedade).

Despindo a fantasia de mendigo, o Pila Pai revela sua identidade, seus planos e impõe ao filho o castigo de viver como mendigo. Comovido com a solidariedade (não inteiramente desinteressada) do filho na disputa contra Gazua, o advogado inescrupuloso, e tendo expulsado os amigos oportunistas do filho, o pai acaba por perdooá-lo, entregando-lhe a mão da cobiçada Pecúnia. Tio Pila arrepende-se de sua avareza, liberta seus cães. Os oportunistas fogem, Gazua é processado e preso. A paz se restaura no casamento de Pila Junior e Pecúnia.

A peça tem um prólogo, cinco atos e um epílogo. Nos quatro

entreatos, quatro comadres, Censura, Prazeres, Tagarela e Expectativa, comentam a peça.

\*\*\*

Entrevistas:

O que é um repórter. O que faz?

Como se consegue um emprego? E um posto no mercado?

Documentário: o mercado de notícias descrito por Jonson estava localizado no centro nervoso de Londres, recebendo informações da corte, dos bancos, da igreja e dos tribunais. Pila é um herdeiro perdulário, cercado de oportunistas, em busca de fama e fortuna. Seu interesse pelo mercado de notícias é imediato. Os primeiros jornais surgem na Inglaterra no final do século XVI. As informações demoravam muito a chegar dos pontos distantes do Império e, para melhor governar, era preciso agilizá-las. Também era importante separar o que era fato e o que era ficção, os relatos de monstros incríveis, massacres sangrentos ou acontecimentos espetaculares em terras distantes eram muito populares.

"Que aquilo que nos é contado seja ficção ou realmente mentira (o que implica uma intenção) sempre se trata, todavia, de algo diverso da verdade literal. Nesse contexto não importa se existe ou não uma justificação filosófica para a verdade objetiva, e uma teoria correspondente da verdade. Importa a necessidade de distinguir entre a verdade e a não verdade." Jack Goody, Da oralidade à escrita, em "A cultura do romance", org. Franco Moretti, ed. Cosac Naify, São Paulo, 2009.

Entrevistas:

A peça:

Ato I, Cena 4.

Recepção da agência.

Contador e Natanael (Escriturário).

[Tiram os móveis.]

CONTADOR

Estão prontas as escrivadinhas? Tire a mesa, as cadeiras e o tapete. Onde estão as últimas notícias classificadas? Já arquivou?

NATANAEL

Ainda não, não tive tempo.

CONTADOR

Já registrou aquelas que Joaquim Triga enviou na noite passada? Sobre Espínola e seus ovos?

NATANAEL

Sim, senhor. Registradas e arquivadas.

CONTADOR

Em qual trabalha agora?

NATANAEL

Aquela que o repórter dos tribunais nos mandou, sobre o herdeiro dourado.

Entra uma Camponesa.

CONTADOR

Despache! Isso sim é notícia, e importante. [para a Mulher] Em que posso ajudá-la, senhora?

MULHER

Senhor, eu quero dez centavos de notícias, qualquer uma, para contar ao vigário, no sábado.

CONTADOR

Pelo jeito, a senhora aprecia contos do vigário. Fale com Natanael, o escriturário.

NATANAEL

Senhor, melhor que ela espere a chegada das notícias do mercado ou da igreja, então poderei atendê-la.

CONTADOR

Minha senhora, tenha paciência, hoje os tempos são outros.

NATANAEL

A senhora mancharia a reputação de nossa agência, recém nascida, espalhando qualquer notinha por aí. Em nome dos princípios da empresa, por favor, deixe a notícia descansar.

Documentário: Entrevistas com leitores de jornais e espectadores de telejornais (depoimentos dos atores) sobre a recepção de notícias. Quais as notícias os leitor mais lembra? Por quais se interessa? Em quais acredita? De quais desconfia?

"Se os jornais prussianos são pouco interessantes para o povo prussiano, isso sucede porque o povo prussiano é pouco interessante para os jornais".

Karl Marx, em "A Liberdade de Imprensa".

"A autenticidade das notícias conta pouco para a primeira cliente do Mercado de Notícias (Staple of news) mostrado no palco: uma camponesa vem à cidade vender seus produtos. O que ela quer são notícias frescas e não muito caras, cujo tema não importa, e possa levar no próximo sábado ao pastor de sua vila." Roger Chartier, em "Escrever e apagar", Editora Unesp, 2007.

Na sequência da peça de Ben Jonson, os personagens fazem uma série de referências a personagens reais de sua época, editores de jornais, jornalistas, políticos, empresários.

O documentário:

Atualizando estas referências, o filme vai apresentar breves "estudos de caso", abordando momentos da política brasileira onde que a imprensa foi parte interessada - às vezes decisiva - em disputas políticas e econômicas.

Outra pauta possível: a sucessão nas empresas jornalísticas, as empresas familiares. Esta é a questão de fundo da trama da peça, o ardil do patriarca dos Pila para descobrir se o seu filho seria um bom gestor dos negócios da família.

Aos entrevistados serão feitas perguntas sobre o exercício do jornalismo, sobre o papel da imprensa na democracia, sobre a história e o atual momento da imprensa e também sobre casos específicos, que serão abordados no filme.

Fala de Teseu, nas Suplicantes, de Eurípides "Esta é a verdadeira liberdade, quando a homens livres, devendo aconselhar o público, é permitido falar livremente. Aquele que pode e deseja, merece eminente louvor. Àquele que não pode, nem deseja, é permitido ficar em paz. O que pode ser mais justo num Estado, que isto?"

"This is true liberty, when free born men Having to advise the public may speak free; Which he who can, and will, deserves high praise. Who neither can, nor will, may hold his peace. What can be juster in a state than this?"

(epígrafe escolhida por Milton para a "Areopagítica" (1643).  
[http://en.wikipedia.org/wiki/File:Areopagitica\\_bridwell.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Areopagitica_bridwell.jpg)

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0122%3Acard%3D1>

As notícias absurdas da peça (Ato III) chamam as notícias mais absurdas da imprensa (boimate, bolinha, bailarinas, amigos de plutão, receita de caipirinha)

A busca pelo "Picasso do INSS" pode ser metade documentário/metade (final) ficção. (Termina com o Picasso sendo rasgado.)

\*\*\*

Estudos de caso, em ordem cronológica.

#### EUCLIDES DA CUNHA E A GUERRA DE CANUDOS.

Em 1897, a Guerra de Canudos, no sertão da Bahia, é vista por muitos republicanos, inclusive pelo escritor Euclides da Cunha, como uma tentativa de restaurar a monarquia no Brasil. Euclides é convidado pelo jornal O Estado de S. Paulo para acompanhar os conflitos, como correspondente. Depois da guerra, trabalha durante cinco anos escrevendo Os Sertões: campanha de Canudos (1902), o mais importante livro de não-ficção da história brasileira. No livro, Euclides desfaz inteiramente a idéia de que o levante tivesse intenções de restaurar a monarquia ou fosse comandado à distância por interesses políticos. Os Sertões descreve minuciosamente os horrores de uma guerra, revelando ao país, num comovente relato, a vida no sertão brasileiro.

Tema para a entrevista: mudar de idéia, partir de uma idéia e, através da investigação jornalística, chegar numa idéia diferente, ou oposta. Uma tendência: manchetes que saem às ruas em busca de uma notícia que lhe sustente.

Na peça: Pila Junior muda de idéia a respeito de Gazua, toma o partido do pai, que com ele se reconcilia, encaminhando o final feliz.

#### GETÚLIO E O MAR DE LAMA NO CATETE

Em 1954, a oposição a Getúlio Vargas, comandada pelo deputado da Carlos Lacerda e seu jornal Tribuna da Imprensa, refere-se ao governo, em muitas manchetes, como afundado em "um mar de lama". A crise termina com o suicídio de Vargas. A sede e os veículos de alguns jornais são atacados e destruídos por populares enfurecidos.

Tema para a entrevista: o mar de lama, o mensalão, a privatária, palavras chave que viram bordões e depois são esquecidas. A escandalização da política tem que consequências? A ofensa sempre vence. Afinal, de onde veio o dinheiro do dossiê?

Na peça: a ofensa como moeda. Os "desaforados" da peça ofendem Tio Pila, querendo dinheiro.

#### A CADEIA DA LEGALIDADE

A renúncia de Jânio e a posse de Jango. Em agosto de 1961, o presidente eleito Jânio Quadros renuncia ao cargo, dizendo-se apossado por "forças ocultas". Especula-se que Jânio esperava ser reconduzido ao cargo pelo clamor popular, o que não acontece. O vice presidente João Goulart (Jango) está em visita oficial a China e, no Brasil, os ministros militares opõem-se à posse de Jango. O governador gaúcho Leonel Brizola cria uma cadeia de rádio, a "Cadeia da Legalidade", defendendo a constituição e a

posse de Jango. Para evitar a guerra civil, Jango e Brizola aceitam a formação de um governo parlamentarista. Jango assume o posto de chefe de Estado e Tancredo Neves a chefia de Governo, como Primeiro-Ministro.

Tema para a entrevista: o poder de mobilização da mídia, das diferentes mídias. (Afiml, quem é "a mídia"? É este o melhor nome para ela? Se não, qual é?)

Na peça: o selo da agência. A credibilidade de uma marca vai manter vivos os jornais?

#### A IMPRENSA E A DITADURA

Em 1964, a imprensa brasileira, refletindo o sentimento de parte da sociedade, especialmente da classe média mais conservadora dos grandes centros urbanos (seu público preferencial), apóia o golpe militar. Este apoio, pelo menos em parte, se desfaz a partir de 1968, quando o caráter autoritário e ditatorial do golpe militar, que passa a perseguir, prender e matar adversários políticos, torna-se mais evidente. Os jornais passam a trabalhar sobre forte censura.

Tema para a entrevista: relação imprensa e governo. Frase do Millôr: "imprensa é oposição." Oposição a quem?

Na peça: as críticas de Tio Pila ao governo, a censura aos temas políticos no teatro inglês.

#### COLLOR, O CAÇADOR DE MARAJÁS

Em 1989, na primeira eleição democrática depois de 28 anos, o ex-governador de Alagoas Fernando Collor, praticamente desconhecido no resto do país, chegou à Presidência da República, a partir de uma campanha baseada na promessa de combate à corrupção. Collor foi apoiado de forma explícita pelos principais veículos jornalísticos do país, que o venderam como um jovem, dinâmico e progressista, um "caçador de marajás" (servidores públicos com altos salários). Após dois anos de governo, as denúncias de corrupção do irmão do presidente, Pedro Collor de Mello e do motorista Eriberto França alimentam uma CPI que termina com o impeachment de Collor.

Millôr Fernandes: "Tudo somado achei que o Collor ganhou o debate com o Lula. A Datafolha acha que foi o Lula. Mas a dúvida é: quem ganha um debate medíocre é melhor ou pior do que quem perde?" (1989)

Tema para entrevista: Corrupção. A qualidade do debate. O que significa "ganhar" um debate?

Na peça: os desvios da comida do prefeito, o suborno as amas de Pecúnia, o oferecimento de espaço na imprensa, por Trombone.

## AS BICICLETAS DO MINISTRO ALCENI GUERRA

Em 1992, o médico e político Alceni Guerra, então Ministro da Saúde do governo de Collor de Mello, é acusado, por vários veículos jornalísticos, de corrupção na aquisição de bicicletas superfaturadas. As bicicletas foram compradas pelo ministério para serem usadas por agentes de saúde, no combate a uma epidemia de cólera. O escândalo causa a exoneração de Alceni Guerra do governo. A investigação policial e a justiça provaram que não houve superfaturamento, Alceni Guerra foi totalmente inocentado de qualquer irregularidade, mas até hoje é lembrado pelo "escândalo das bicicletas". Quando a sua inocência foi provada, os meios de comunicação lhe concederam pequenas notas nos jornais e menos de um minuto de televisão para sua defesa. Segundo seu advogado, as acusações contra Alceni ocuparam 10 mil m<sup>2</sup> de publicação impressa e 104 horas de televisão.

## CALÚNIAS 1: O PATRIMÔNIO DE IBSEN PINHEIRO

Em 1994, o deputado federal gaúcho Ibsen Pinheiro, um potencial candidato à Presidência da República devido a grande atuação na CPI que terminou com o impeachment de Collor, tem seu mandato cassado, acusado de corrupção. Ibsen foi acusado pela revista Veja de participar do Escândalo dos Anões do Orçamento, um esquema de desvio de verbas, e condenado a ficar afastado da vida pública por oito anos. A acusação revelou-se um erro grosseiro: a revista aumentou em mil vezes a variação patrimonial do deputado. Em 2004, dez anos depois, o jornalista e autor da matéria, confessou ter forjado os dados que usou em sua reportagem. Ibsen foi inteiramente inocentado das acusações e reeleito deputado federal.

## CALÚNIAS 2: DOSSIÊ CAYMAN

As supostas contas de FHC no exterior. Em 1998, um conjunto de documentos falsos são espalhados e vendidos a candidatos de oposição. Nos documentos, supostas contas de políticos tucanos no exterior, entre eles o presidente Fernando Henrique Cardoso, o governador de São Paulo Mário Covas, os ministros José Serra (Saúde) e Sérgio Motta (Casa Civil). Investigações comprovam que os documentos são uma fraude grosseira. Acusado de ser o autor do dossiê, o pastor Caio Fábio foi julgado e condenado pela Justiça Eleitoral a quatro anos de prisão.

## CALÚNIAS 3: O FILHO DE FHC

Em abril de 2000, jornais alternativos e sites de notícias divulgam a informação de que o presidente FHC teria um filho fora do casamento, com uma jornalista brasileira residente em Portugal. Supostamente, os grandes veículos de comunicação escondiam o fato, para proteger FHC. Exames de DNA provaram que o filho não era dele.

Tema para debate: calúnias. A ofensa sempre vence? (Gore Vidal)

Na peça: as comadres, maledicências, fofocas.

#### O PICASSO DO INSS

Em março de 2004, o jornal Folha de S. Paulo publica na capa de sua edição de domingo (07.03.2004), sob o título "Decoração burocrata" uma reportagem que informa que um valioso "desenho do pintor espanhol" Pablo Picasso "passa os dias debaixo de luzes fluorescentes e em meio à papelada de uma repartição do governo federal", dividindo sua "moldura com restos de inseto". Na foto, além da reprodução do supostamente valioso desenho, um retrato do Presidente Lula. O sentido da matéria é claro: os novos ocupantes do governo federal não reconhecem e não sabem lidar com o valor da arte. A notícia do suposto descaso com tão valiosa obra aparece em vários jornais, revistas e sites, no Brasil e no exterior. A observação atenta de alguns leitores logo deixa evidente que se trata de uma "barriga": o tal desenho de Picasso é, na verdade, de uma reprodução fotográfica, sem valor. Os jornais são alertados de seu erro, mas nenhum desmente a informação.

Tema para debate: existe uma verdade objetiva a ser alcançada? Há fatos inquestionáveis? Quanto vale o Picasso do INSS? Quem pagou? Onde a gravura deve ficar?

Na peça: histórias inacreditáveis e a vontade que temos de acreditar nelas. A necessidade da ficção.

#### AS "SUPOSTAS CONTAS" NO EXTERIOR

Em maio de 2006 a revista Veja acusa, em manchete de capa, o presidente Lula e outras autoridades de terem "supostas" contas no exterior. A própria reportagem dizia não ter a confirmação da informação, que se provou falsa. O texto da "reportagem" de Veja informa que "submetido a uma perícia contratada pela revista, o material apresentou inúmeras inconsistências, mas nenhuma suficientemente forte para eliminar completamente a possibilidade de os papéis conterem dados verídicos." Mesmo assim, a matéria tinha chamada de capa na revista. O presidente Lula chama o jornalista que escreveu o texto de "bandido, mau caráter, malfeitor e mentiroso".

Tema para debate: a escolha das palavras. As linguagens jornalística, política e jurídica, diferenças, semelhanças e usos.

Na peça: Gazua e a disputa pelo testamento.

#### O ROUBO DAS FOTOS DO DINHEIRO

Em 2006, a Folha de São Paulo e a agência Estado publicaram como verdadeiras as declarações do delegado Edmilson Pereira Bruno, encarregado de prender os "alopradados" petistas (assim chamados

pelo presidente Lula), acusados de suposta tentativa de compra de um suposto dossiê contra o candidato do PSDB, José Serra. O delegado disse aos jornais que as fotos do dinheiro, que estamparam as capas dos jornais e os telejornais na véspera do primeiro turno da eleição, tinham sido roubadas. Os jornais sabiam que as declarações do delegado eram falsas, já que ele era (foi o que declarou mais tarde) o autor das fotos e as distribuiu aos jornalistas. A conversa do Delegado Edmilson com os jornalistas, ao entregar as fotos, foi gravada e tornou-se pública.

Tema para debate: A prova testemunhal e material. A credibilidade das testemunhas, a validade jurídica das provas. O áudio, o vídeo, a assinatura.

Na peça: Tom atrás da cortina, o testamento.

De Anne Warth na agência Estado: "O delegado Edmilson Pereira Bruno, que prendeu Valdebran Padilha e Gedimar Passos com R\$ 1,75 milhão em hotel em São Paulo, negou nesta sexta-feira ter distribuído o CD com fotos com o dinheiro apreendido pela Polícia Federal à imprensa. Segundo ele, o CD sumiu de seu arquivo pessoal entre quinta à noite e sexta de manhã. Ao perceber o sumiço, ele admitiu ter feito ligações para alguns jornalistas para checar se alguém tinha o CD. "Eventualmente, foi um furto. Eu não sei. Vão apurar. A direção vai apurar tudo isso, comentou.

<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2006/09/29/delegado-tira-dele-da-reta-42133.asp>

Anne Warth e Paulo Baraldi

Vazamento deixa delegados da PF em situação difícil

"O delegado Edmilson Bruno disse que 'vai registrar ocorrência de furto'. Ele negou ter vazado o CD com as imagens dos dólares e dos reais do PT. 'Tenho consciência tranqüila, não vazei o CD. Querem prejudicar a minha carreira, 10 anos de PF. O CD sumiu do meu arquivo.'

Geraldo Araújo, chefe da PF em São Paulo, mandou abrir inquérito para apurar violação de sigilo funcional e transgressão disciplinar. 'Infelizmente, vazou, é grave', disse Araújo. Ele afirmou que a PF 'preza a isenção'. O inquérito vai verificar se houve motivação política no vazamento.

'Não temo nada, sei de minha conduta como policial', afirmou Bruno. Perguntado sobre como o CD sumiu na PF, disse: 'Não faço a segurança do prédio.'"

[http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o\\_estado\\_de\\_s\\_paulo\\_\\_32083](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_estado_de_s_paulo__32083)

Folha de S. Paulo, 30.09.2006

O delegado Bruno disse ontem em coletiva à imprensa que o CD com as fotos havia sido furtado de sua sala na PF - e que ele estava sendo injustamente acusado de ter repassado o material a jornalistas. "Estão veiculando que eu cedi o CD e eu não cedi este CD. Eu não sei se é para me prejudicar ou não. Não sei quem foi o autor do crime, mas não fui eu que distribui o CD."

Várias matérias sobre o assunto:

<http://www.gpguia.net/viewtopic.php?f=12&t=74383&start=180>

Áudio do delegado entregando o dinheiro aos repórteres.

<http://www.youtube.com/watch?v=1MYr-vjYtXc>

Aos 02:05 - "Alguém que roubou, deu para vocês."

Aos 04:23 - "Não, eu vou chegar apavorado, me furtaram um filme, já falei com repórter... Sabe como é, não dá para confiar em repórter".

Na peça:

PILA JÚNIOR

Repórteres? Devagar, Tom, temos aqui uma bela palavra nova! Queira Deus que signifique alguma coisa. O que vem a ser um repórter?

04:49 - "N pessoas podem ter roubado. A faxineira..."

\*\*\*

## O GOVERNO ASSASSINO

Em julho de 2007, a queda de um avião em São Paulo mata 200 passageiros. Um artigo de um psicanalista publicado na primeira página da Folha de S. Paulo acusa o presidente Lula de assassinato, supostamente por ser o governo culpado pelo acidente. Investigações provaram que as causas do acidente foram falhas mecânicas e erros dos pilotos.

Trecho do artigo do psicanalista Francisco Daudt: "Gostaria imensamente de ter minha dor amenizada por uma manchete que estampasse, em letras garrafais, "GOVERNO ASSASSINA MAIS DE 200 PESSOAS". O assassino não é só aquele que enfia a faca, mas o que, sabendo que o crime vai ocorrer, nada faz para impedi-lo. O que ocorreu não pode ser chamado de acidente, vamos dar o nome certo: crime."

O Globo, em defesa da cobertura que os jornais fizeram do acidente da TAM, o chefe do jornalismo Ali Kamel argumentou:

"Na cobertura da tragédia da TAM, a grande imprensa se portou como devia. Não é pitonisa, como não é adivinha, desde o primeiro instante foi, honestamente, testando hipóteses, montando um

quebra-cabeça que está longe do fim."

Tema para debate: o tom do debate, os exageros. A ofensa como último argumento. "Nazista!"

Na peça: os desaforos.

#### A EPIDEMIA DE FEBRE AMARELA

Em 2008, vários jornais conclamaram todos os brasileiros a correr para os postos de saúde e tomar a vacina contra uma suposta epidemia de febre amarela (logo se provou não haver epidemia alguma), ignorando as perigosas contra-indicações existentes. Pelo menos quatro pessoas morreram por causa da vacinação.

Eliane Cantanhêde, na Folha de S. Paulo (09.01.2008), com o título "Alerta Amarelo": "Com sua licença, vou usar este espaço para fazer um apelo para você que mora no Brasil, não importa onde: vacine-se contra a febre amarela! Não deixe para amanhã, depois, semana que vem... Vacine-se logo! (...) O fantasma da febre amarela paira sobre o país como um alerta num momento crucial, para que a saúde e a educação sejam preservadas antes de tudo o mais. Senão, Lula, o aedes aegypti vem, pica e mata sabe-se lá quantos neste ano e nos seguintes."

Tema para debate: a responsabilidade social. "A guerra dos mundos". O perigo da hora.

Na peça: as notícias de guerra.

#### A GRAVAÇÃO SEM SOM E A FICHA SEM PAPEL

Em 2008 a revista Veja publica, e vários jornais repercutiram, a fraude do "grampo sem áudio", trechos de uma suposta - e nunca revelada - gravação de conversa entre o ministro e presidente do STF Gilmar Mendes e o senador Demóstenes Torres.

Abertura do editorial da Folha de São Paulo, 12/09/08: "Num país em que o presidente do Supremo Tribunal Federal se vê objeto de escutas telefônicas clandestinas, não há dúvida de que o direito à privacidade, garantia fundamental num regime democrático, encontra-se ameaçado."

O ministro Gilmar Mendes, com a cumplicidade da mídia e do ex-ministro Nelson Jobi, provocaram uma crise institucional e a exoneração do chefe da Polícia Federal, Dr. Paulo Lacerda. Quando a fraude ficou explícita (a tal gravação nunca apareceu), Mendes declarou que havia se baseado numa denúncia "extremamente verossímil".

A revista Veja publicou, e vários jornais e veículos repercutiram, a informação de que havia cinco milhões de grampos telefônicos no país. Um ano depois, revelou-se que o número real era sete mil e

quinhentos grampos, autorizados pela justiça.

Tema para debate: a verdade e o "extremamente verossímil".  
Verossímil a quem?

Na peça: a argumentação de Gazua para tomar posse do testamento.

#### A RECEITA DE CAIPIRINHA NO DIÁRIO OFICIAL

Em outubro de 2008 o jornal Estado de São Paulo publica - e vários jornais, revistas e sites repercutem - a informação e a manchete: Governo "ensina" a fazer caipirinha no Diário Oficial.

O texto da matéria de Fabiola Salvador, da Agência Estado:

"Às vésperas do fim de semana, o Ministério da Agricultura resolveu ensinar aos apreciadores de bebidas alcoólicas a preparar uma autêntica caipirinha, bebida feita à base de cachaça, limão e açúcar, e que é capaz de alegrar até os mais preocupados com os rumos da economia brasileira em tempos de crise mundial. Para o Ministério, não basta misturar os três ingredientes aleatoriamente. É preciso ter critérios, como deixa claro o artigo 4º da Instrução Normativa (IN) 55, publicada na edição de ontem do Diário Oficial da União e assinada pelo ministro Reinhold Stephanes." (...) "Para quem não gosta de caipirinha, o ministério oferece dicas sobre outros tipos de bebidas alcoólicas, inclusive para aqueles que não sentiram os efeitos da crise financeira".

O sentido da manchete é evidente: em tempos de crise mundial e sérios riscos à economia brasileira, o governo Lula dá receita de caipirinha no Diário Oficial.

Os comentários nas dezenas de blogs que ainda trazem a "notícia" são previsíveis:

"Primeiro implantam a Lei Seca... Depois ensinam a fazer a mistura... E ainda usando o Diário Oficial da União para esse fim. Quando Charles de Gaulle disse que esse país não é sério, ele tinha toda a razão... eu penso que na época, alguém havia falado para ele sobre os petralhas. Não se espante se amanhã ou depois, os aloprados venham a usar o Diário Oficial para ensinar como enrolar um baseado."

É obrigatório e usual que o Ministério da Agricultura publique as regras para que bares e restaurantes, e também fabricantes, comerciantes, exportadores do produto engarrafado sigam padrões que possam ser controlados. É uma garantia de respeito ao direito do consumidor e é de praxe para quaisquer bebidas ou alimentos. É obrigação do Ministério agir assim, em defesa do consumidor. O fato, como a leitura atenta da própria notícia deixa claro, é que o Ministério da Agricultura publicou no Diário Oficial através de uma Instrução Normativa (I.N.), como é sua obrigação fazer, as especificações técnicas e científicas de uma bebida, assim como

faz de todas as bebidas e alimentos disponíveis no mercado. A Agência Estado, que publicou a matéria, sabe disso. Sabe que, ao publicar a "receita de caipirinha" no Diário Oficial, o governo, através do Ministério da Cultura, está cumprindo sua obrigação e uma determinação legal, agindo em defesa do cidadão. A Agência Estado sabe, mas não resiste à piada fácil da manchete que reforça preconceitos contra o governo Lula.

Tema para debate: jornalismo e preconceito. A massa cheirosa, o cheiro de povo, o pé na cozinha.

Na peça: católicos e protestantes. Tom deve escolher seu lado.

#### O TSUNAMI E A MAROLINHA

No final de 2008, durante a crise econômica, vários jornalistas criticaram o presidente Lula, que previu que a crise chegaria aqui do tamanho de uma "marolinha". O clamor da mídia, que descrevia a crise no Brasil como um "gigantesco tsunami", fez com que muitas empresas, assustadas, cancelassem investimentos e reduzissem sua produção, caso da indústria automobilística, ou, pior, demitissem muitos funcionários, caso da Vale. Para desgastar politicamente o governo, a imprensa amplificou a crise, causando desemprego e freando o crescimento econômico brasileiro. O tempo provou que as previsões do governo Lula estavam certas, o Brasil foi um dos países do mundo que menos sofreu com a crise econômica mundial.

Tema para debate: o jornalismo e as previsões autorealizáveis. Os interesses econômicos e a notícia. Juros, inflação. A "grave denúncia" na tribuna do senado.

#### A GRIPE SUÍNA

Em 2009 uma epidemia de gripe suína é enormemente aumentada, induzindo autoridades a tomar medidas que se provaram exageradas, como o adiamento do início das aulas em vários estados brasileiros.

(Mesmo tema da "febre amarela")

Folha de S. Paulo, texto do filósofo Hélio Schwartzman:

"A pandemia de gripe provocada pela nova variante do vírus A H1N1 poderá atingir entre 35 milhões e 67 milhões de brasileiros ao longo das próximas cinco a oito semanas. De 3 milhões a 16 milhões desenvolverão algum tipo de complicação a exigir tratamento médico e entre 205 mil e 4,4 milhões precisarão ser hospitalizados."

Dois meses depois, o Ministério da Saúde divulgou o balanço da influenza A (H1N1), gripe A, mais conhecida como gripe suína. O vírus atingiu 9.249 pessoas, em 9 semanas. Nem todos foram hospitalizados.

## A FICHA DE DILMA

Durante a campanha eleitoral de 2010, o jornal Folha de São Paulo publicou em sua capa uma suposta ficha policial de Dilma Rousseff, classificada como terrorista.

"A Folha tem procurado checar a autenticidade da ficha. Foram contatados três peritos de larga experiência na análise de documentos e um especialista em imagens digitais. Todos disseram que teriam dificuldades em emitir um laudo, pois necessitavam do original da ficha, que nunca esteve em poder da reportagem".

Matéria não assinada da Folha de São Paulo, 28/06/09, explicando que os seus "peritos de larga experiência" não poderiam afirmar se a suposta ficha de Dilma foi criada digitalmente num programa de computador sem examinar o original de papel.

A ficha provou-se uma fraude tão evidente que o jornal publicou um "erramos", onde assumia alguns erros (mas cometia outros):

"O primeiro erro foi afirmar na primeira página que a origem da ficha era o 'arquivo [do] Dops'. Na verdade, o jornal recebeu a imagem por e-mail. O segundo erro foi tratar como autêntica uma ficha cuja autenticidade, pelas informações hoje disponíveis, não pode ser assegurada - bem como não pode ser descartada."

Não é verdade. A autenticidade da ficha pode ser descartada sem qualquer sombra de dúvida.

(tema: o mesmo do Picasso do INSS)

## MARIA RITA KEHL DEMITIDA DO ESTADÃO POR 'DELITO' DE OPINIÃO

Na campanha eleitoral de 2010 o jornal O Estado de São Paulo declara apoio a José Serra desde o primeiro turno. A campanha de Serra diz que Dilma e o PT são contra a liberdade de expressão e querem controlar a imprensa. A psicanalista Maria Rita Kehl, colunista do Estadão, publica um artigo sobre a desqualificação do voto popular:

Um trecho: DOIS PESOS...

por Maria Rita Kehl, no Estadão

O argumento já é familiar ao leitor: os votos dos pobres a favor da continuidade das políticas sociais implantadas durante oito anos de governo Lula não valem tanto quanto os nossos. Não são expressão consciente de vontade política. Teriam sido comprados ao preço do que parte da oposição chama de bolsa-esmola. Uma dessas correntes chegou à minha caixa postal vinda de diversos destinatários. Reproduzia a denúncia feita por "uma prima" do autor, residente em Fortaleza. A denunciante, indignada com a indolência dos trabalhadores não qualificados de sua cidade,

queixava-se de que ninguém mais queria ocupar a vaga de porteiro do prédio onde mora. Os candidatos naturais ao emprego preferiam viver na moleza, com o dinheiro da Bolsa-Família. Ora, essa. A que ponto chegamos. Não se fazem mais pés de chinelo como antigamente. Onde foram parar os verdadeiros humildes de quem o patronato cordial tanto gostava, capazes de trabalhar bem mais que as oito horas regulamentares por uma miséria? Sim, porque é curioso que ninguém tenha questionado o valor do salário oferecido pelo condomínio da capital cearense. A troca do emprego pela Bolsa-Família só seria vantajosa para os supostos espertalhões, preguiçosos e aproveitadores se o salário oferecido fosse inconstitucional: mais baixo do que metade do mínimo. R\$ 200 é o valor máximo a que chega a soma de todos os benefícios do governo para quem tem mais de três filhos, com a condição de mantê-los na escola. (...) Agora que os mais pobres conseguiram levantar a cabeça acima da linha da mendicância e da dependência das relações de favor que sempre caracterizaram as políticas locais pelo interior do País, dizem que votar em causa própria não vale. Quando, pela primeira vez, os sem-cidadania conquistaram direitos mínimos que desejam preservar pela via democrática, parte dos cidadãos que se consideram classe A vem a público desqualificar a seriedade de seus votos.

Por causa deste artigo, Maria Rita Kehl é demitida do Estadão, como ela mesma conta ao Terra Magazine:

- Fui demitida pelo jornal o Estado de S. Paulo pelo que consideraram um "delito" de opinião (...) Como é que um jornal que anuncia estar sob censura, pode demitir alguém só porque a opinião da pessoa é diferente da sua?

Tema para debate: opinião pública x opinião publicada.

Na peça: O selo da agência, a exclusividade sobre as notícias.

<http://www.casacinepoa.com.br/o-blog/jorge-furtado/liberdade-de-imprensa>

\*\*\*

A liberdade de imprensa  
por Jorge Furtado em 20 de agosto de 2010

"Se os jornais prussianos são pouco interessantes para o povo prussiano, isso sucede porque o povo prussiano é pouco interessante para os jornais".

Karl Marx, em "A Liberdade de Imprensa".\*

\*\*\*

Considerando que...

Os blogs e as redes sociais da internet estão participando ativamente, pela primeira vez, de uma eleição presidencial brasileira. (Eram 7 milhões de usuários de internet em 2006, hoje são mais de 70 milhões).

Apoiado fervorosamente por todos os grandes jornais brasileiros, o candidato de oposição - uma oposição que prometeu dar uma surra e acabar com a raça do apedeuta assassino ladrão mentiroso estuprador de menores de nove dedos - mudou de nome, agora é Zé, e Zé é Lula desde criancinha.

Parece que finalmente caiu a ficha de que as redes sociais encurtam decisivamente as pernas da mentira (não existem mais segredos), amplificam e esmiúçam detalhes das notícias da televisão, dos jornais e das rádios, preservam e tornam de fácil acesso qualquer declaração feita em qualquer lugar, a qualquer um, para sempre e, por tudo isso, têm papel decisivo na formação da opinião pública.

A antiga imprensa passa por momentos difíceis em todo o mundo e aqui também, com queda de circulação e perda de importância política, a ponto de um presidente, com enorme aprovação popular, declarar publicamente que parte do sucesso de seu governo se deve ao fato dele não ter perdido tempo "lendo jornais".

Considerando tudo isso...

Aproveito o ensejo para defender a fundamental importância da antiga imprensa, do velho e bom jornal (seja de papel ou digital), diário, feito por jornalistas, repórteres, editores, com salário pago pelo jornal para escrever notícias.

Eu acho ótimo escrever aqui, quando e o que me der na telha, mas isso não é jornalismo. A quase totalidade dos blogs, facebook e twitters são diletantismo, louvável disposição para gastar parte do seu tempo participando da vida social e política do país, um dever cívico, mas isso ainda não é jornalismo.

Jornalismo é a busca diária (incluindo sábados, domingos e feriados) pelo fato, a verdade factual possível, a informação. Dá um trabalhão e deve ser bem remunerado. A questão é: por quem?

\*\*\*

Quando abandonaram o compromisso com a verdade factual (1) os antigos jornais brasileiros deram um tiro no pé, perderam relevância.

Quando tomaram o partido, de forma inquestionável ainda que velada, de uma oposição irascível a um governo extremamente popular, cuja política incluiu mais de 20 milhões de brasileiros no mercado consumidor, os jornais deram um tiro no outro pé, desprezando os consumidores dos seus possíveis anunciantes.

Para recuperar o tempo, o público e a credibilidade perdida, os jornais anunciam a criação de um órgão de autorregulamentação. Pode ser uma boa idéia, se funcionar.

A blogosfera não substitui os jornais. Blogs, sites, jornais, revistas, televisão, rádio, são complementares na busca da verdade factual, que é a base do jornalismo.

\*\*\*

(1) Dez barrigas da mídia contra Lula:

1. As "supostas contas" no exterior.

2. As declarações do delegado Edmilson Pereira Bruno (caso Alopados), que os jornais sabiam serem falsas, publicadas como verdadeiras.

3. O grampo sem áudio.

4. Os cinco milhões de grampos telefônicos no país, que viraram sete mil e quinhentos.

5. A ficha da Dilma que o jornal diz não poder afirmar ser falsa.

6. O desleixo do governo petista, denunciado em manchetes de capa, na conservação do "valiosíssimo" (pago 20 reais) quadro do Picasso na sede do INSS.

<http://www.nao-til.com.br/nao-82/picasso.htm>

7. O assassinato, pelo governo Lula, de 200 pessoas na queda de um avião, que se provou estar sem freio.

8. A corrupção no governo da petista Yeda Crusius.

<http://jbonline.terra.com.br/editorias/pais/papel/2008/06/08/pais2008060...>

9. Os cartões corporativos que pagaram, além de tapiocas, "bailarinas".

<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI2650576-EI7896,00.html>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Escândalo\\_dos\\_cartões\\_corporativos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escândalo_dos_cartões_corporativos)

10. A tentativa de estupro do "menino do Mep".

<http://www.casacinepoa.com.br/o-blog/jorge-furtado/que-ponto-chegamos>

\*\*\*

Pérolas do Nonsense

"Na Presidência da República, se houver encontro secreto, nada

fica registrado, nem na segurança, é como se não existisse. Assim, se tiver um encontro secreto, a prova é que não ficou registrado." Alexandre Garcia, telejornal Bom Dia Brasil, TV Globo, 25/08/09 <http://colunas.bomdiabrasil.globo.com/alexandregarcia/>

"A Folha tem procurado checar a autenticidade da ficha. Foram contatados três peritos de larga experiência na análise de documentos e um especialista em imagens digitais. Todos disseram que teriam dificuldades em emitir um laudo, pois necessitavam do original da ficha, que nunca esteve em poder da reportagem".

Matéria não assinada da Folha de São Paulo, 28/06/09, explicando que os seus "peritos de larga experiência" não poderiam afirmar se a suposta ficha de Dilma foi criada digitalmente num programa de computador sem examinar o original de papel.

\*\*\*

Mais sobre barrigas da mídia pró-Serra:  
<http://www.casacinepoa.com.br/o-blog/jorge-furtado/barrigas-pró-e-contra>

\*\*\*

\* A Liberdade de imprensa. Karl Marx, tradução de Cláudia Schilling e José Fonseca, L&PM Editores, Porto Alegre, 1980.

Outros textos:

<http://www.casacinepoa.com.br/o-blog/jorge-furtado/que-ponto-chegamos>

<http://www.casacinepoa.com.br/o-blog/jorge-furtado/um-vinho-antes-da-queda>

\*\*\*

O FINAL DO FILME

"Imprensa é oposição, o resto é armazém de secos e molhados", ensinou Millôr Fernandes. Não existe democracia sem liberdade de imprensa, que tem como dever fiscalizar a atuação dos diferentes governos. São incontáveis os momentos em que a imprensa denunciou desmandos, casos de corrupção ou malfeitos de vários governos. Acontece que, sem uma lei de garantia de direito de resposta a quem se sente ofendido por inverdades publicadas, a imprensa também é responsável por uma série de injustiças, "assassinatos de reputação" encomendados por poderosos interesses políticos e econômicos.

Quando se começa um documentário não se tem certeza de como ele termina. Um documentário é um processo aberto, pode indicar caminhos.

A peça de Ben Jonson termina como uma fantasia romântica: o mocinho (o Sr. Pila Júnior) fica com a mocinha (Senhorita Pecúnia Fortuna) e o tal mercado de notícias se dissolve, deixa de existir. O teatro triunfa sobre a notícia-entretenimento e a paz se estabelece.

Na vida real, o mercado de notícias segue firme e forte, a notícia-entretenimento virou um negócio gigantesco e lucrativo, teatro e notícia se confundem cada vez mais, grandes corporações e redes de empresas estão entrelaçadas com o poder político em todos os países, mas o mercado de notícias parece estar passando por uma transformação decisiva, promovida pela rede mundial de computadores.

A onda moralista e os preconceitos, incentivados pela mídia, não são um problema apenas brasileiro. Noam Chomsky, entrevistado por Chris Hedges no site Internet Truthdig, alerta para o desencanto com a política nos Estados Unidos, sentimento amplificado pela ultra-direita americana:

"Nunca vi nada parecido em toda a minha vida. O humor do país é assustador. O nível de ira, frustração e ódio às instituições não está organizado de maneira construtiva. É desviado para fantasias auto-destrutivas. É muito similar a Alemanha de Weimar, os paralelos são notáveis. Também ali havia uma desilusão tremenda com o sistema parlamentar. (...) Os Estados Unidos tem muita sorte que nenhuma figura carismática e honesta tenha surgido. Todas estas figuras carismáticas são trapaceiros tão evidentes que destroem a si mesmos, como McCarthy ou Nixon ou os pregadores evangelistas. Se surgir alguém carismático e honesto este país estará em sérios problemas, graças a frustração, a desilusão, a compreensível raiva e a ausência de respostas coerentes. O que as pessoas supostamente querem é alguém que lhes diga: 'Eu tenho a resposta: nós temos um inimigo'. Na Alemanha, o inimigo criado para justificar a crise foram os judeus. Aqui serão os imigrantes ilegais e os negros. Nos dirão que os homens brancos são uma minoria perseguida. Nos dirão que temos que nos defender e defender a honra da nação. Se exaltará a força militar. As pessoas vão apanhar. Esta força pode tomar conta de tudo. E se acontecer será mais perigoso do que foi na Alemanha. Os Estados Unidos detém o poder mundial. A Alemanha era poderosa, mas tinha inimigos mais poderosos."

A peça termina em música e festa.

O documentário deve terminar com uma pergunta: a internet e as redes sociais, a possibilidade de qualquer um, em qualquer lugar, falar para qualquer um, em qualquer lugar, mudou as regras do mercado de notícias?

"Eu dizia que vinte anos atrás a política era tudo e que uma boa política nos parecia a única moral necessária. Para muitos jovens

de hoje a moral é que é tudo, e uma boa moral lhes parece uma política amplamente suficiente. Duas gerações, dois erros. (...) A moral e a política são duas coisas diferentes, ambas necessárias, mas que não podem ser confundidas sem comprometer o que cada uma delas tem de essencial. Necessitamos das duas, e da diferença das duas! Necessitamos de uma moral que não se reduza a uma política, mas necessitamos também de uma política que não se reduza a uma moral".

André Comte-Sponville, "O capitalismo é moral?" (Martins Fontes, 2005)

\*\*\*\*\*

(c) Jorge Furtado, 2012-2013  
Casa de Cinema de Porto Alegre  
<https://www.casacinepoa.com.br>